

La Comédiathèque

Cara ou Coroa

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Cara ou Coroa

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Vicente e Antonio são dois atores que antes eram amigos, mas não se veem há anos. Com o tempo, sua amizade se transformou em uma rivalidade tanto profissional quanto amorosa. Um deles convidou o outro para o palco de um teatro para reconectar com essa amizade que se foi com a juventude. Essa tentativa de reconciliação se transformará em um confronto antes de possivelmente levar a um projeto inesperado.

Distribuição

Antonio

Vicente

© La Comédiathèque

O palco está vazio, exceto por duas cadeiras, cada uma em um lado de uma pequena mesa. Vicente chega com uma xícara na mão. Ele se senta e bebe seu café enquanto olha para o vazio. Ele verifica o relógio. Coloca a xícara na mesa, levanta-se e se dirige à plateia.

Vicente – Eu sou Vicente. Estou esperando o Antonio. Não deve demorar para chegar. A menos que tenha finalmente decidido não vir. Aliás, eu entenderia... Mas não, acredito que ele virá. Pelo menos por curiosidade. Ele virá, vocês verão. Para saber o que eu quero dele depois de todos esses anos. Antonio é... um amigo. Bem, eu acho. Digamos que éramos muito amigos antes. Fomos juntos para o ensino médio. Um colégio católico em uma cidade pequena. O ambiente era bem rigoroso, mas... ainda assim, conseguimos fazer muitas tolices. Sim, nos divertimos muito. Até montamos uma companhia de teatro juntos. Bem, com algumas outras pessoas também. Principalmente garotas... Na verdade, no começo, essa companhia era principalmente uma armadilha para garotas. Fazíamos audições para peças que nunca encenávamos. Sempre escolhíamos as mais bonitas, é claro. E na cena de audição, a garota tinha que beijar seu colega. Ou seja, um de nós dois, enquanto o outro atuava como o diretor de elenco. A armadilha era um pouco óbvia, mas às vezes funcionava com as menos tímidas. Enfim, como todos éramos menores de idade, ninguém denunciava, e nunca fomos acusados de assédio sexual. Sim, era outra época. Depois... nos mudamos para Madrid e estudamos no Estudio Corazza. Sempre juntos. Antonio e eu. Compartilhamos um apartamento em Malasaña por um ano. Vida boémia, sabem. Mal havia espaço para uma cama de solteiro. Todas as noites jogávamos cara ou coroa, e o perdedor dormia no chão em um colchão inflável, com os pés na entrada e a cabeça no banheiro, onde o ar era menos frio. Sim, naquela época éramos inseparáveis... Sim, pode-se dizer que Antonio... era meu melhor amigo. *(Uma pausa)* Depois começamos a fazer audições. A trabalhar um pouco, cada um por conta própria. Pequenos papéis em filmes para televisão ou comédias de teatro... Antonio continuou morando naquele apartamento por alguns meses. Eu me mudei para um estúdio um pouco maior com uma amiga que conheci em uma filmagem. Os anos passaram e aos poucos... eu vi menos o Antonio. Até o dia em que paramos de nos ver completamente. Não sei por quê. Bem, sim, tenho uma pequena ideia, mas... Não sei... Antonio ainda é ator, assim como eu. Bem, ele... continua fazendo figuração, principalmente. Silhuetas, como dizem no ramo. Sabem? Todos aqueles personagens transparentes que ninguém vê nos filmes. Exceto seus amigos do Facebook, se eles forem avisados na noite anterior: "Atenção, se assistirem ao filme no canal dois amanhã à noite, me verão. Sou o garçom que entrega uma cerveja ao ator principal na primeira cena. Mas cuidado, vocês só me verão de costas por dois ou três segundos. E quando ele me dá uma nota e diz 'fique com o troco', eu respondo 'obrigado'. Meio dia esperando no set para dizer 'obrigado' ao ator principal." Pelo menos, ele pode postar no Instagram a folha de serviço onde seu nome aparece junto ao da estrela a quem ele diz 'obrigado'. Com a esperança de que um dia ele seja a estrela e alguém lhe diga 'obrigado'... Antonio não teve essa sorte, infelizmente. Continua atuando como garçom e dizendo "obrigado". Antes, ainda fazia um pouco de teatro, mas agora não recebe muitas oportunidades. Na verdade, acho que está pensando em desistir da profissão. Para voltar a ser contador. Sim, porque na

universidade ele começou a estudar contabilidade. No entanto, ele não é um ator ruim, mas... sempre lhe faltou ambição. Vejam bem, Antonio é... um bom rapaz. Bem, não quero dizer bom rapaz no sentido de... Não, porque quando dizemos que alguém é um bom rapaz, imediatamente pensamos em alguém um pouco tolo. Quem sabe por quê, nos dias de hoje, bondade e estupidez são quase sinónimos.

Antonio chega.

Antonio – Interrompo? Estavas ao telefone?

Vicente – Não, não, de forma alguma. Entra, Antonio, por favor...

Antonio avança para o centro do palco, vê a plateia e fica desconcertado por um momento.

Antonio – Isso é uma piada?

Vicente – O quê?

Antonio – O que é isso, uma armadilha? Você me diz que quer me ver, me convoca ao palco deste teatro que está fechado há anos... Você não mencionou nada sobre uma audição. Eu não preparei nada.

Vicente – Ah, não, não é uma audição. Pelo menos, não exatamente.

Antonio – Mas há uma audiência aqui, não estou sonhando.

Vicente – Um sonho... Seria mais como um pesadelo, não acha? Imagine. Um cara abre uma porta, em sua casa, a do banheiro, por exemplo, e de repente se encontra em um palco na frente de uma audiência. Sem saber em que peça está, nem qual texto deve recitar.

Antonio – É um pouco a história da minha vida, mas enfim... Você pode me dizer por que estou aqui?

Vicente – Estamos em um teatro, certo?

Antonio – Eu nem sabia que isso ainda era um teatro... Nada é representado aqui há mais de vinte anos.

Vicente – Um teatro é como uma igreja. Enquanto você não a desacralizar, sempre pode celebrar uma missa.

Antonio – Missa?

Vicente – É uma metáfora...

Antonio – Mas, para quê? Uma audição?

Vicente – Sim, uma audição, se preferir...

Antonio – Ah, mas eu não quero nada disso. Foi você quem me pediu para vir.

Vicente – Exatamente. Como você está?

Antonio (*em aparte*) – Você realmente quer que comecemos a conversar como se nada estivesse acontecendo? Aqui, na frente da audiência...

Vicente – Aja como se não houvesse ninguém... Como no teatro, precisamente. A quebra da quarta parede, como dizem. Quer beber alguma coisa enquanto esperamos?

Antonio – Esperar pelo quê?

Vicente – Um café? Acabei de comprar uma máquina de espresso. Vai ver, é muito bom.

Vicente sai. Antonio fica desconcertado por um momento. Ele olha para a audiência, um pouco desconfortável. Dá alguns passos e depois volta ao centro do palco e se dirige à audiência.

Antonio – Desculpem, não tenho ideia do porquê de estar aqui... (*Tenta se sentar, depois se levanta e dá alguns passos.*) Espero que ele volte logo, porque isso está ficando desconfortável... Tem que dizer que esse idiota sempre teve o dom de me colocar em situações desconfortáveis... (*Silêncio*) Vicente e eu somos... velhos amigos. Bem, amigos de juventude, na verdade, porque amigos de verdade... implicaria que ainda o somos. Fizemos muitas besteiras juntos na escola. Fazíamos parte de um grupo de teatro que montamos juntos. Com algumas garotas também... Depois nos tornamos atores, ele e eu. Quero dizer... atores profissionais. Nos víamos de vez em quando. Cada um seguiu seu caminho. E aos poucos, nossos caminhos pararam de se cruzar tanto. Vicente... Faz anos que não o vejo. Por isso me surpreendeu quando ele me ligou. Nem sei como ele conseguiu meu número de celular. Da última vez que nos encontramos, nem tenho certeza se os celulares já existiam. Vicente teve um pequeno sucesso com uma série de televisão há alguns anos. Na época, as pessoas o reconheciam na rua e pediam autógrafos, então... ele se achou uma estrela. Desde então, nunca mais trabalhamos juntos. Eu não era uma estrela, então você sabe... Agora, todo mundo meio que o esqueceu. Seu ego teve tempo de se esvaziar. Agora ele faz papéis secundários no teatro ou na televisão. Resumindo, ele voltou a ser apenas mais um ator entre muitos outros. Talvez por isso ele tenha pensado em mim novamente...

Vicente volta com uma xícara de café que coloca na mesa.

Vicente – Não coloquei açúcar. Na verdade, não tenho açúcar.

Antonio – Tudo bem, obrigado...

Vicente se senta e dá goles em seu café. Antonio permanece de pé.

Vicente – Senta.

Antonio – Por que você não me diz logo por que me fez vir? Não podemos fazer todos esses aqui esperarem...

Vicente – Talvez só tivesse vontade de te ver, simplesmente. Somos amigos, não somos? Não precisamos de um motivo especial para nos encontrarmos.

Antonio – Não nos vemos há pelo menos dez anos.

Vicente – Doce.

Antonio – Foi no funeral da tua mãe. Não tivemos muitas oportunidades para conversar.

Vicente – O funeral da minha mãe, sim. Não era o melhor momento para falar sobre os bons tempos. Sim, lembro-me. Não foi um funeral muito alegre.

Antonio – Devias ter ido ao funeral da minha, foi muito mais divertido... Aliás, por que é que não vieste?

Vicente hesita por um momento antes de responder, depois dirige-se à audiência.

Vicente (*para o público*) – Funerais são como convites para jantar. É um ciclo vicioso. Se alguém vai ao funeral de um dos teus entes queridos, sentes-te obrigado a retribuir da próxima vez. E ao longo da tua vida, estás condenado a ir aos funerais dos entes queridos dos teus amigos. Sem mencionar que flores não são baratas. Então, um dia, disse basta. Por que achas que muita gente opta por enterrar os seus mortos na mais estrita privacidade? Sem flores ou coroas... Para destacar a modéstia do seu ente querido? Vamos... Para não terem que retribuir, sim. Porque quando conheces muita gente, a certa altura, rapidamente acabas por ir a um funeral pelo menos uma vez por mês. Já me aconteceu ter dois funerais na mesma semana. Há pessoas das quais enterrei quase toda a família. Torna-se um trabalho a meio tempo e no final acaba por ser dispendioso. Por isso, agora decidi ser modesto em vez dos outros. Para mim, todos os funerais são na mais estrita privacidade. Eu não vou, ponto final. E também não envio flores. E além disso, flores, entre nós... Não é uma aberração ecológica, certo? Na maioria das vezes, vêm da Holanda ou mesmo de África. De avião... Não, eu já não vou a funerais...

Antonio – É verdade que naquela época estavas muito ocupado. Senhor famoso da televisão.

Vicente – Eu disse-te, estava a filmar. Não pude libertar-me. Espero que não me leves a mal por isso.

Antonio – Disse alguma coisa que te levasse a mal?

Vicente – Não sei... Éramos grandes amigos, certo? Já não nos vemos. É só que cada um tem a sua vida ou... aconteceu alguma coisa?

Antonio – Alguma coisa?

Vicente – Não estamos zangados?

Antonio – Não acho. O que é que tu achas?

Vicente – Poderíamos até dizer que, numa certa altura, eras o meu melhor amigo, não?

Silêncio desconfortável de Antonio, que finalmente se dirige à audiência.

Antonio (*para o público*) – O seu melhor amigo... O que é que isso significa exatamente? Quando somos bebés, temos um brinquedo de apego. Quando somos crianças, temos um amigo imaginário. Depois temos um melhor amigo. Depois temos uma namorada. Na melhor das hipóteses, casamos com ela. E esquecemos os amigos. Assim é a vida. É assim que funciona. A tua esposa torna-se a tua melhor amiga. Suponho que se pudesses ter relações sexuais com o teu melhor amigo, não precisarias de te casar (*para Vicente*). Eras o meu melhor amigo, é verdade... E eu? Era o teu melhor amigo?

Vicente – Sim. Tu eras o meu melhor amigo.

Antonio – Isso foi há muito tempo.

Vicente – Já não nos vemos, mas ainda somos amigos, não?

Antonio – Depende do que chamamos amigos... O que é exatamente a amizade para ti?

Vicente – Não sei.

Antonio – Se precisasse de dinheiro, emprestavas-mo?

Vicente – Precisas de dinheiro?

Antonio – É apenas um exemplo.

Vicente – Não, porque se precisas de dinheiro... aviso-te já que não tenho.

Antonio – Se estivesse doente, vinhas visitar-me ao hospital?

Vicente – Suponho que isso também é um exemplo.

Antonio – Tu nem sequer vieste ao funeral da minha mãe.

Vicente – Lamento... Não sabia que isso significava tanto para ti. Além disso, não gosto muito de funerais.

Antonio – Conheces alguém que goste de funerais?

Um momento.

Vicente (*para o público*) – Também não gosto muito de hospitais. Quando vou visitar alguém ao hospital ou a um lar de idosos, confronta-me com a ideia da minha própria possível e inevitável decadência. Acho que o que mais me assusta nisso é a sensação de estar enclausurado. No hospital, o indivíduo é completamente privado da sua liberdade. A liberdade de sair, em primeiro lugar, sem a autorização do pessoal. Privado da sua identidade, até. O doente já não é mais do que um paciente. O idoso já não é mais do que um residente. Começamos a falar dele na terceira pessoa, como se a sua alma já tivesse abandonado o corpo. Como está hoje o senhor? A senhora dormiu bem? O hospital, para mim, é pior do que a prisão. Na prisão, também és apenas um número. Mas pelo menos não te pedem para consentires amavelmente na tua privação de liberdade e agradeceres aos teus guardas. Não, nunca visito ninguém no hospital ou num lar de idosos. É demasiado deprimente...

Antonio – Ainda não me disse por que queria me ver. E o que estamos fazendo aqui os dois.

Vicente – Lembra-se da companhia de teatro que montamos?

Antonio – Sim, lembro-me.

Vicente – Fazíamos audições para papéis femininos. E na cena de audição, a garota tinha que beijar o parceiro de cena. Ou seja, um de nós dois, enquanto o outro fazia de produtor.

Antonio – Nunca funcionou realmente, mas tudo bem.

Vicente – Funcionou com a Clara.

Antonio – Sim.

Vicente – Lembra-se como rimos com isso?

Antonio – Você está me dizendo que organizou esse tipo de audição hoje e precisa que eu interprete o papel do produtor? Já estamos velhos, não acha?

Vicente – Que pena, foi divertido. Lembra-se daquela vez que aquela garota...

Antonio – Escute, Vicente, sinto muito, mas noites nostálgicas não são para mim. Então, o que você quer exatamente?

Vicente – Tenho algo para te pedir. Ou melhor, algo para te dizer... Algo um pouco desconfortável...

Antonio – Aqui? Agora? Em um palco? Na frente de um público?

Vicente – Afinal, somos atores.

Antonio – De fato, tudo isso é muito teatral.

Vicente – Entre amigos, não podemos conversar um pouco? Ok, não vamos falar sobre os velhos tempos. Então, falemos sobre o presente. E sobre o futuro... No que você está trabalhando agora?

Antonio – Estou em vários projetos.

Vicente – Ah, sim? O quê? Teatro? Cinema?

Antonio – Prefiro não falar sobre isso até que esteja feito. E você?

Vicente – Eu não paro... Tenho trabalho pelos próximos três anos.

Um momento de silêncio.

Antonio – Então, você me fez vir por isso? Para me infligir a lista de seus inúmeros sucessos? Você sabe que eu mal chego ao final do mês com as minhas pequenas participações, como muitos de nós...

Vicente – Você acabou de me dizer que tem muitos projetos em andamento.

Antonio – Isso é o que se diz quando não se tem trabalho e espera-se que o telefone toque. E você sabe muito bem disso.

Vicente – Desculpe, não pensei que as coisas estivessem tão ruins para você.

Antonio – Para que serve tudo isso, Vicente? Você quer me oferecer um papel, certo?

Vicente – Não exatamente, mas...

Antonio – Eu ficaria surpreso... Então, o que é?

Vicente – Tenho uma grande notícia para te dar.

Antonio – Uma grande notícia? Suponho que seja uma grande notícia para você. Algo que impulsionará sua carreira. E permitirá que você olhe para os outros de cima para baixo ainda mais.

Vicente – Você me considera tão egocêntrico?

Antonio – Como o seu sucesso me afeta, Vicente? Você precisa de alguém para aplaudir? Quer que eu peça um autógrafo?

Vicente – Não é de forma alguma o que você pensa.

Antonio – Ah, sim?

Um momento.

Vicente – Eu disse uma grande notícia, não disse uma boa notícia.

Antonio – O que você quer dizer com isso de que não é uma boa notícia? Quer dizer... uma má notícia...?

Vicente – Acabei de ser diagnosticado com um tumor cerebral.

Antonio fica perplexo.

Antonio – Não...

Vicente (para o público) – Não sei por que disse isso... Obviamente não é verdade, mas... fiquei sem argumentos. Ouvindo-o falar: o sucesso subiu à minha cabeça, sou o pior dos arrivistas e desprezo todos, incluindo os meus antigos amigos. Não é culpa minha ter tido mais sucesso do que ele. Não vou passar o meu tempo todo me desculpando por ter algum talento e saber me vender. Se eu fosse um amigo, deveria ficar feliz com o meu sucesso em vez de me invejar, não é? Ok, é verdade, eu não o ajudei muito quando poderia. Mas também não acho que teria feito um favor a ele. E mesmo que o tivesse ajudado, hoje ele me acusaria de tê-lo feito com condescendência, para afirmar o meu domínio sobre ele. Então sim, deixei que ele se virasse sozinho. Não sou a favor do assistencialismo, é só isso. Nem do nepotismo. Você sabe o que é nepotismo? É o sistema de colocar amigos em primeiro lugar em vez de pessoas competentes que realmente merecem. Ok, pode até ser que entre os meus amigos haja pessoas competentes, mas... Não é minha culpa que ele tenha

fracassado na vida. Pelo menos na vida profissional... Mas inventar que tenho um tumor cerebral... Eu não sei. Com certeza, eu tinha a esperança de que, por uma vez, ele sentisse pena de mim em vez de me invejar. Para ver como é ser a vítima e ser compreendido. É isso mesmo, só para ver como seria sua atitude se, por uma vez, eu tivesse o papel do vilão...

Antonio – Droga... Sinto muito por isso... Me perdoa...

Vicente – Você não precisa se desculpar, não é culpa sua.

Antonio – Não, quero dizer, me desculpa por ter sido tão desagradável. Se eu soubesse...

Vicente – Você, pelo menos, é um verdadeiro amigo. Você vai vir me ver no hospital, certo? Pelo menos enquanto eu ainda parecer apresentável...

Antonio fica perplexo por um momento.

Antonio – Mas... eles vão poder tratar você, não vão?

Vicente – O tumor está em uma localização muito complicada. Não é operável. Então, infelizmente...

Antonio – Ah, droga...

Vicente – Só me resta um ano. Talvez menos.

Antonio – E ainda assim, te vendo assim...

Vicente – Sim... Por enquanto, quase não tenho sintomas. Mas de acordo com os médicos, logo eles vão aparecer. E os últimos meses não serão os mais fáceis. Mas, por enquanto, estou bem. Então, estou aproveitando para colocar minhas coisas em ordem. E me despedir daqueles que amo...

Antonio – Estou muito comovido por fazer parte disso. Claro, se eu puder fazer algo por você...

Vicente – Obrigado... Infelizmente, a menos que você tenha encontrado uma cura milagrosa para o câncer...

Um momento.

Antonio – E é por isso que você me pediu para vir?

Vicente – Sim. Mas, por enquanto, prefiro que fique entre nós. Ninguém mais sabe ainda...

Antonio, desconcertado, dá uma olhada na plateia.

Antonio – Ninguém?

Vicente – Ninguém.

Antonio – Eles?

Vicente – Ah, sim, é verdade. Eu tinha esquecido deles...

Antonio – Sim, a quarta parede...

Vicente – Bem, como você diz, antes de tudo, sou ator. Suponho que inconscientemente, sinto a necessidade de representar minha própria despedida.

Antonio fica pensativo por um momento.

Antonio – Então, você me fez vir aqui, a este palco, por isso? Para me anunciar que vai morrer, ver qual seria minha reação e compartilhar isso com o público?

Vicente – Não apenas por isso. Eu estava com saudades de te ver, é só isso. E como não tenho muito tempo, decidi repensar minhas prioridades.

Antonio – Não sei o que dizer... Sinto-me muito honrado pelo gesto que você teve comigo. Estou profundamente comovido e, ao mesmo tempo... Você realmente acha que podemos retomar uma amizade interrompida há anos assim, apenas porque um de nós não estará mais aqui em alguns meses?

Vicente – Não sei. Dizem que alguns animais se aproximam dos humanos quando sentem que o fim está próximo. Acho que os humanos se aproximam de seus amigos quando sua própria morte se aproxima.

Antonio – Sim, talvez...

Vicente – Se você soubesse que está condenado, me teria chamado?

Antonio – Sinceramente...?

Vicente – Sinceramente.

Antonio – Não.

Vicente – Está bem.

Antonio (*para o público*) – É curioso. Não desejo a morte dele, obviamente. Ninguém deseja a morte de um amigo. Mas... eu preferiria que acontecesse com ele do que comigo. É horrível pensar assim, eu sei. Mas não podemos evitar pensar, não é? Enquanto não dizemos o que pensamos, não faz mal a ninguém. E o que eu penso é que... não teria sido justo se fosse comigo. Não se pode perder em todas as frentes. Deve haver alguma espécie de justiça, afinal. Sem falar em destino, pelo menos por mera casualidade, no final as coisas têm que se equilibrar, certo? Quero dizer, o bem e o mal. É uma questão de probabilidade, não é? É como na roleta, você não pode acertar o número certo eternamente. Ou o errado. Ele, depois de ter tido uma sorte incrível durante toda a vida, no final pegou o zero. Não importa o que ele tenha jogado, ele vai perder a aposta. E eu, com a má sorte que tive por tantos anos, pelo menos escapo do pior e saio disso vivo. Pelo menos por enquanto...

Vicente – Mas você virá me ver no hospital?

Antonio – Claro.

Vicente – Você não é obrigado, sabe. É verdade, não nos vemos há anos. Eu não estou em posição de pedir nada. Você não me deve nada, afinal.

Antonio – Não.

Um momento.

Vicente – Nos víamos cada vez menos. O que fez com que, de repente, deixássemos de nos ver completamente?

Antonio (*tentando fazer piada*) – Além do fato de que desde o seu pequeno sucesso na televisão, você se achou uma estrela e esqueceu dos velhos amigos?

Vicente – Sim, além disso.

Um momento.

Antonio – Escuta, Vicente... Quando éramos jovens, vivíamos nossa amizade no presente. Fazíamos tolices juntos. Às vezes, contávamos a elas alguns meses depois, mas no dia seguinte já estávamos fazendo outras ainda maiores.

Vicente – É verdade. Éramos jovens. Não tínhamos nada a perder, então não temíamos nada.

Antonio – Aos poucos, nos tornamos mais sensatos. Fazíamos cada vez menos tolices. E, acima de tudo, não as fazíamos mais juntos. E quando ainda nos encontrávamos, nos limitávamos a falar dos bons tempos do passado.

Vicente – Ou cada um contava suas próprias proezas ao outro, tentando mostrar o quanto havia tido sucesso.

Antonio – E nesse jogo, você estava sempre ganhando. Com o tempo, isso ficou deprimente. Até mortal. Para tentar seguir em frente, tive que deixar de te ver.

Vicente – Agora, será difícil para mim projetar meu futuro, sabe. Só me resta um ano de vida, então... serão os últimos momentos. Quando agosto é terrível, pensamos que o próximo ano será melhor. Mas quando é o seu último verão...

Antonio – Eu não sei o que dizer.

Vicente – No entanto, tenho algo para te pedir.

Antonio – O que você quiser.

Vicente – Você cuidaria do meu gato quando eu não estiver mais...?

Um momento.

Antonio – Seu gato?

Vicente – Eu não tenho mais ninguém em quem confiar. Pelo menos, ninguém em quem confio o suficiente...

Antonio – Eu nem sabia que você tinha um gato. Você nunca teve um gato antes, certo?

Vicente – É o primeiro. Provavelmente é por isso que estou tão apegado a ele... Sim, hoje em dia, ele é o único amigo que me resta... além de você.

Antonio – Ah, sim...

Vicente – Acredite, um animal nunca decepciona, você verá.

Antonio – Bem, é que... eu não sei como cuidar de um gato... Nunca tive filhos, então um gato...

Vicente – É muito simples, eu te asseguro. Só precisa alimentá-lo, dar água, trocar a caixa de areia de vez em quando e, é claro, acariciá-lo para mostrar o quanto você o ama.

Antonio – Escuta, eu realmente não sei... Um gato. Com a vida que eu levo...

Vicente – Você fará isso pelo seu ex-melhor amigo que só tem mais alguns meses.

Antonio olha fixamente para Vicente.

Antonio – Isso não é uma brincadeira, né? Porque inventar um tumor cerebral para se reconectar com um amigo que estava distante seria realmente perverso.

Vicente – Quem sabe... Se antes do final do ano você receber um cartão de condolências, então saberá a verdade. Se não, significa que foi apenas uma brincadeira de mau gosto...

Antonio – Então você está rindo de mim, não é?

Vicente – Não era minha intenção a princípio, eu juro, me deixei levar. Estamos em um palco de teatro, me envolvi muito no papel, improvisei.

Antonio – Brincar assim com os sentimentos dos outros... é monstruoso, Vicente.

Vicente – Você acabou de me dizer que não fazíamos mais tolices juntos! E que por isso deixamos de ser amigos. Pensei que fosse uma oportunidade de nos reconectarmos... Lembra? Naquela época também inventávamos histórias incríveis. Fizemos o diretor acreditar que éramos judeus e por isso não podíamos ficar no estúdio à tarde nas sextas-feiras. E sério, eu não vou morrer! Ou pelo menos não em breve... Você deveria estar feliz, não?

Antonio – Na verdade, eu quase ficaria desapontado, sabia? Já estava imaginando o seu funeral. Até tinha algumas palavras preparadas para o seu elogio fúnebre, como o melhor amigo do falecido. Teria falado sobre os bons momentos. Sobre a amizade inabalável que nos unia há tanto tempo. Sobre o destino que prematuramente encerrou uma carreira cheia de promessas...

Vicente – Isso me comove muito, obrigado.

Antonio – Você é realmente um idiota. Não quero te ver nunca mais.

Ele se prepara para sair.

Vicente – Espere, Antonio. Você estava disposto a ser meu amigo novamente porque eu ia morrer. E agora vai me odiar de novo porque estou em plena forma? É uma estranha noção de amizade, não?

Antonio – Mas, Vicente... por quê?

Vicente – Eu não sei. Pensei que você estava certo. Foi inadequado da minha parte te convocar para anunciar uma boa notícia sobre mim.

Antonio – Então no final, é uma boa notícia...

Vicente – Pelo menos para mim, sim. Para você, não sei...

Antonio – Para mim?

Vicente – É verdade. Você não tem motivo para se alegrar por mim.

Antonio – Que boa notícia é essa? Você está indicado para o Prémio Goya? Quer que eu vá à sua consagração, é isso? Você não tem amigos suficientes ao seu redor para aplaudi-lo?

Vicente – Então você nunca me perdoou, não é?

Antonio – Perdoar pelo quê?

Vicente – Por ter conseguido o papel principal naquela audição que fizemos juntos há quinze anos. Por aquela série que impulsionou minha carreira. Você tem inveja do meu sucesso, certo?

Antonio – Seu sucesso?

Vicente – Na indústria, pelo menos.

Antonio – Como Warhol disse, todos têm direito aos seus quinze minutos de fama. Os seus duraram dois ou três anos. Você aproveitou sua celebridade por alguns anos após o término da série. Desde então, está se contentando com papéis secundários.

Vicente – Sempre é melhor do que fazer pontas.

Antonio – Suposto sucesso subiu à sua cabeça, Vicente. Você esqueceu seus verdadeiros amigos. E ainda está solteiro...

Vicente – Você também, não? Bem, você voltou a ser.

Antonio – Vejo que está bem informado. E isso te deixa feliz, certo? Saber que, se você não teve Clara, pelo menos ela não está mais comigo.

Vicente – Você está errado, eu te asseguro.

Antonio – Pare, Vicente. Isso é algo que você nunca me perdoou. Você não pode ficar feliz com a felicidade dos outros. Tudo o que seus amigos podem ter, você sente que estão roubando de você. E é por isso que você nunca me deu a mão quando eu precisava.

Vicente – Eu nunca te culpei por Clara. Na verdade, naquela época, ela nem me interessava.

Antonio – Claro, claro. Ela começou a te interessar quando me escolheu. Isso é insuportável para você, certo? Que uma garota pudesse me preferir a você. E pior ainda, é incompreensível. Vai contra a ordem natural das coisas.

Vicente – Você está delirando.

Antonio – Sim, meu amigo, queira ou não, eu passei nessa audição. E consegui o papel no seu lugar. Jogamos cara ou coroa, e naquele dia, a sorte estava do meu lado. Fui eu quem beijou Clara enquanto você se contentava em fazer o papel do produtor. E alguns anos depois, fui eu quem casou com ela.

Vicente – Eu não estava com ciúmes disso, eu te asseguro.

Antonio – Vamos, Vicente. Eu via como você a olhava. Mas você tem que aceitar isso, Vicente. Você não pode ganhar sempre. Você não pode ter tudo. É preciso deixar algo para os outros. Seus amigos não estão lá apenas para aplaudir seus sucessos. Eles também têm o direito de serem felizes de vez em quando.

Vicente – Claro.

Antonio – Fui muito feliz com Clara. Eu me pergunto por que a deixei.

Vicente – Provavelmente porque na verdade foi ela quem te deixou.

Antonio – Como você sabe disso? Você a viu de novo?

Vicente vacila por um momento.

Vicente – A última vez que nos vimos os três foi no funeral da minha mãe.

Antonio – No funeral da sua mãe... Você me disse há pouco que não era o momento ideal para se reunir com seu melhor amigo, mas encontrou tempo para se reunir com sua esposa.

Vicente – Não foi exatamente assim que aconteceu. Nos encontramos várias vezes depois disso.

Antonio – Foi você quem buscou vê-la de novo?

Vicente – Não. Foi coincidência. Ambos trabalhamos na mesma indústria. É normal nos cruzarmos de vez em quando.

Antonio – Nós nunca mais nos cruzamos.

Vicente – Ela não estava tentando me evitar.

Antonio – Mas você não dormiu com ela, certo?

Vicente – Não no dia do funeral da minha mãe, eu te asseguro.

Antonio – Então você dormiu com ela.

Silêncio.

Vicente – Eu até fiz mais do que isso. Vou me casar, Antonio. Isso é o que eu queria te dizer.

Pausa.

Antonio – Casar...

Vicente – Com a Clara.

Antonio fica surpreso.

Antonio – Diga-me que isso é outra das tuas piadas, Vicente.

Vicente – Não é uma piada, Antonio.

Antonio – Não conseguiste evitar, certo...?

Vicente – Não é contra ti, juro. Como podes pensar uma coisa dessas? Aconteceu simplesmente.

Antonio (*para a plateia*) – Estou com vontade de matá-lo. Na verdade, estou com vontade de matar os dois. Como ela pôde fazer-me isto? Está bem, já não estamos juntos. Ela não me deve nenhuma explicação. Mas podia ter escolhido qualquer outra pessoa para me substituir. Porque é que escolheste o Vicente? A menos que desde o início, desde aquele famoso casting, lamentasses não ter trocado o primeiro beijo com ele em vez de comigo. E se a moeda tivesse caído do outro lado e não deste? Teria isso mudado a nossa história para os três? É uma pergunta que me tem atormentado durante muito tempo. O que devemos ao destino e o que é acaso? E entre esses dois fatores que não controlamos, o que acontece com a nossa liberdade individual? O mundo tem um sentido e um propósito que nos obriga, ou é apenas uma das inúmeras versões possíveis de um caos perfeitamente aleatório? O livre-arbítrio é apenas uma ilusão, ou realmente temos margem de manobra para mudar o rumo das nossas vidas, entre um destino que nos arrasta como uma corrente marítima e um acaso que nos desconcerta como um vento caprichoso? O naufrágio do Titanic deveu-se ao seu destino transatlântico, ao encontro fortuito com um icebergue ou à incompetência do capitão?

Vicente – Vamos casar, Antonio. É isso. Não é contra ti.

Antonio – E foi por isso que quiseste dizer-me pessoalmente?

Vicente – É a tua ex-mulher. Quis dizer-te eu mesmo, é o correto. Obviamente, não te peço para ficares feliz. Embora há pouco me tenhas dito que supostamente deveríamos ficar felizes pela felicidade dos nossos amigos...

Antonio – Não tens vergonha. Ficar feliz pela felicidade de um amigo que acabou de me roubar a mulher?

Vicente – A tua ex-mulher.

Antonio – Querias a minha bênção... ou é apenas pelo prazer de me pisares mais um pouco?

Vicente – Nunca quis pisar-te, Antonio. Na verdade, sempre te admirei.

Antonio – Admiras-me? A mim?

Vicente – Sim.

Antonio – Sempre me consideraste um fracassado.

Vicente – Não é o teu sucesso que admiro. É a tua inteligência. A tua perspicácia. A tua integridade...

Antonio – Raramente andam de mãos dadas com o sucesso, infelizmente.

Vicente – Não exageres. Não estragaste tudo.

Antonio – Nem sequer consegui reter a Clara. E agora, tens a tua vingança.

Vicente – Achas mesmo que alguém casa só para se vingar?

Antonio – Claro, estamos divorciados, não precisas da minha aprovação. Mas, entre todas as mulheres, por que escolheste logo essa?

Vicente – Não sei...

Antonio – Além disso, como tem sido entre vocês dois? E quando começou?

Vicente – Voltámos a encontrar-nos. Percebemos que tínhamos muitas coisas em comum.

Antonio – Especialmente um amigo.

Vicente – Especialmente o teatro.

Antonio – Diz-me pelo menos que a vossa relação não começou enquanto ainda estávamos casados. Diz-me que não foi culpa tua ela ter-me deixado...

Vicente – Juro-te.

Antonio – Como posso continuar a acreditar em ti?

Vicente (*para a plateia*) – Para que serve dizer-lhe a verdade? É verdade, sempre estive apaixonado pela Clara. E o facto de ela ter escolhido o Antonio em vez de mim, suponho que a tornou ainda mais desejável aos meus olhos. Voltei a vê-la quando os dois vieram ao funeral da minha mãe. Ainda estavam juntos na altura, mas senti que o amor já não era tão grande. Eu ainda desfrutava do meu estatuto como ator de sucesso. Ela fez-me entender que não lhe era indiferente. O Antonio foi-se embora logo após a cremação. Tinha uma gastroenterite, ou algo assim, mas mesmo assim insistiu em vir. A Clara ficou um pouco mais depois da cremação. Ofereci-lhe algo para beber em minha casa. E não sei como, mas acabei por a levar selvagememente no sofá da sala, mesmo em frente à urna com as cinzas ainda quentes da minha mãe. Eros e Thanatos, vocês conhecem a história... Não nos vimos durante alguns anos. E

depois encontrámo-nos por acaso no ano passado na inauguração de uma exposição de arte, e foi aí que o nosso relacionamento realmente começou. (*Volta-se para o Antonio.*) Tens de acreditar em mim, Antonio. Ela já te tinha deixado. Nunca faria isso a um amigo...

Antonio – Foi ela quem te pediu para me dar a notícia?

Vicente – Digamos que discutimos isso. Achámos que era mais apropriado informarte. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde, terias sabido. Não podíamos fazer isso sem te dizer.

Antonio – Podiam ter-se contentado em enviar-me um cartão de convite.

Vicente – Claro, não estás obrigado a ir ao casamento.

Antonio – Obrigado...

Vicente – Vamos nos casar... e temos projetos juntos.

Antonio – Projetos? Vocês querem formar uma família? Vai me dizer que ela já está grávida?

Vicente – Projetos de teatro.

Antonio – Entendi... Então, resumindo, não é apenas um casamento, é também uma parceria. Não estou surpreso.

Vicente – Clara tem muito talento. Simplesmente não teve a oportunidade de mostrá-lo ainda, é só isso.

Antonio – Porque estava casada com um fracassado como eu, quer dizer?

Vicente – Não transforme tudo em torno de você, Antonio. Você me acusa de ser egocêntrico, mas a Terra não gira apenas em torno de você também.

Antonio – Talvez você esteja certo. Não posso culpar todo mundo pelos meus próprios fracassos.

Silêncio.

Vicente – E você? Realmente não tem nenhum projeto no momento?

Antonio – Você realmente se importa?

Vicente – Disseram-me que você queria sair da atuação. E conseguir um emprego como contador.

Antonio – Quem te disse isso? A Clara?

Vicente – Se você precisar de ajuda...

Antonio – Você vai me compensar por ter me tirado minha esposa?

Vicente – Ela já não é sua esposa, Antonio, é minha... Além disso, é ridículo dizer "é minha" em relação às mulheres. As mulheres não pertencem a ninguém há muito tempo. São elas que escolhem.

Antonio – Agora você vai me dar uma lição de feminismo também.

Vicente – Só estou tentando te ajudar.

Antonio – Você nunca me estendeu a mão todos esses anos. E agora, porque vai se casar com a Clara, está disposto a me ajudar.

Vicente – Por que não?

Antonio – É fácil para você, certo? Um pequeno cheque e esquecemos o passado?

Vicente – Não estou pedindo para esquecer o passado. E não, não é fácil para mim também. Sim, eu trabalho, mas não ganho tanto dinheiro quanto você pode pensar. E também tenho despesas...

Antonio – Posso ir embora agora?

Vicente – Espere...

Antonio – O que mais você quer, exatamente?

Silêncio.

Vicente – Estou pensando em comprar este teatro.

Antonio – Comprar este teatro? Você me disse que não tinha dinheiro.

Vicente – Com a Clara.

Antonio – Cada vez melhor.

Vicente – Clara é atriz. Ela também é diretora. Poderíamos ser uma boa equipe.

Antonio – Uma boa equipe... Você quer dizer... nós?

Vicente – Eu não sei... Eu disse sem pensar.

Antonio – Comprar um teatro... Para quê?

Vicente – Para finalmente fazer o que eu quero, não depender de ninguém. Não esperar mais o telefone tocar, como você diz. Todos sonhamos com isso, não é?

Antonio – Por que não? Se você tem os recursos.

Vicente – Você acha que poderia dar certo?

Antonio – Agora está pedindo minha opinião?

Vicente – Sempre considere suas opiniões com muita atenção. Embora nem sempre as tenha levado em conta...

Antonio – E tem dado certo assim...

Vicente – E então?

Antonio – Eu não sei. O que você quer...? Eu não tenho espírito empreendedor. Eu não tenho ambições. Você deixou isso bem claro, não é?

Vicente – Poderíamos trabalhar juntos novamente.

Antonio – Quer dizer que você poderia me encontrar um emprego? No que você está pensando? Técnico de luz? Bilheteiro?

Vicente – Sim, eu tenho espírito empreendedor, mas não sou prático. Tenho ideias, mas não sou rigoroso. Especialmente quando se trata de lidar com as finanças e a burocracia.

Antonio – Você precisa de um contador e está pensando em mim, certo? Não só me tira minha esposa, mas também quer que eu cuide das finanças da casa? Você não quer que eu segure a vela também?

Vicente – Esse é o seu problema, Antonio. Você sempre vê tudo de forma negativa. Vê conspirações em todos os lugares em vez de ver oportunidades. Você é paranóico.

Antonio – Obrigado.

Vicente – Você continuaria sendo ator, é claro. Como nós. Mas todos nós seríamos versáteis.

Antonio – Não tenho certeza se quero você como chefe.

Vicente – Vamos dizer sócio, então.

Antonio (*para o público*) – Estou um pouco envergonhado, mas devo admitir que de alguma forma, essa proposta dele parece tentadora. Ter um teatro. Os três juntos. É verdade. Esse era o nosso sonho quando começamos neste negócio. Agora, seria mais uma solução de último recurso e um reconhecimento de fracasso, mas, bem... (*Para Vicente*) Vou pensar na sua proposta, mas não tenho certeza se é uma boa ideia trabalharmos juntos, os dois. E muito menos os três...

Vicente – Há pouco tempo, você disse que não fazíamos mais nada juntos. Que estávamos apenas comemorando os velhos tempos. E que, por isso, nossa amizade estava morta. O que estou propondo é compartilhar essa aventura comigo. Bem, conosco...

Antonio – Você está me propondo um trio, é isso?

Vicente – Você já não dorme com ela, certo...? (*Silêncio*) Certo...?

Antonio – Eu a vi também.

Vicente – Como assim você a viu? Desde o seu divórcio?

Antonio – Passamos muitos anos juntos, isso não desaparece facilmente.

Vicente – E...?

Antonio – Dormimos juntos de novo. Uma ou duas vezes.

Vicente – Uma... ou duas?

Antonio – Vamos dizer três.

Vicente – E a última vez foi quando?

Antonio – Não sei... Há um mês.

Vicente – Clara e eu decidimos nos casar há uns três meses.

Antonio – Se entendi direito, sua futura esposa já está te traindo com o seu ex-marido.

Vicente – Isso está começando a parecer uma comédia terrível de enredos.

Antonio – Nada nos impede de escrevê-la e representá-la para inaugurar este novo teatro...

Vicente (*para o público*) – É engraçado, mas nem mesmo guardo rancor deles. Nunca pensei que a Clara pudesse me pertencer completamente. Ela é muito independente para isso. Como se chama isso, poligamia, para uma mulher? Ah, sim. Poliandria. Já evoluímos bastante nesses assuntos. Talvez um dia oficializemos o casamento a três... (*Para Antonio*) Acho que ela deveria ter continuado casada com você.

Antonio – Não vá longe demais.

Vicente – Você vale muito mais do que eu. Você é uma boa pessoa. É leal.

Antonio – Parece que você está falando de um cachorro. Infelizmente, as mulheres não gostam de caras bonzinhos.

Vicente – Pelo menos não quando têm vinte anos. Depois...

Antonio – E com que dinheiro você vai comprar esse teatro? Porque vou te advertir, eu não estou nadando em dinheiro...

Vicente – Tenho algumas economias... E, além disso, Clara acabou de receber uma pequena herança.

Antonio – Uma herança? Você está certo, eu deveria ter continuado casado com ela.

Vicente – Então, vamos ser amigos de novo?

Antonio – Você tem certeza de que já fomos amigos algum dia?

Vicente – Eu não sei. Mas poderíamos tentar.

Antonio – Vicente, você está me preocupando. Tem certeza de que não tem um tumor cerebral de verdade?

Vicente – Eu sou um lunático. É igualmente incurável, mas é completamente benigno.

Antonio – E o que a Clara pensa sobre isso?

Vicente – Sobre todos nós embarcarmos nesse projeto juntos, você quer dizer?

Antonio – Sim, isso também.

Vicente – Foi ela quem me propôs. Ela me disse... será nosso bebê, dos três...

Um momento de silêncio.

Antonio – Você tem certeza de que não havia uma mensagem subliminar...?

Vicente – Agora que você mencionou...

Antonio – Aparentemente, ela nunca pôde escolher entre cara ou coroa. Você realmente acha que ela está grávida?

Vicente – Podemos perguntar a ele, ele estará aqui em cinco minutos. (*Ele se vira para a porta.*) Olha, na verdade, aqui vem ela...

Três batidas na porta são ouvidas, sem saber se são as batidas do cenário com o brigadista no teatro, ou se são batidas na porta.

Fim.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Preliminares
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-978-2

Documento para download gratuito